

Redução do item negativo pré-verbal *não*: uma abordagem variacionista

Lílian Teixeira de Sousa

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo O presente artigo trata da alternância entre as partículas *não/num* em negativas sentenciais no dialeto mineiro. Segundo a literatura demonstra, essa alternância só ocorre no item negativo quando na posição pré-verbal, o que sugere um processo de cliticização que envolveria um item ainda mais reduzido a saber, *nu*, com vogal oral. O objetivo do artigo, no entanto, é apresentar uma análise variacionista da alternância *não/num* na fala de informantes nascidos na cidade de Mariana-MG, além de confirmar a existência da terceira ocorrência da partícula *não* representada fonologicamente como *nu*.

1. Introdução

Estudos variacionistas sobre a negação sentencial no Português do Brasil identificam três tipos de construções, levando em consideração o número e a posição de partículas negativas na sentença (Schwegler (1983, 1991); Careno e Peter (1994); Roncarati (1996, 1997); Furtado da Cunha (1996, 2001); Camargos (1998); Alkmim (1998, 1999, 2000, 2001); Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999); Ramos (2002); Chaves (2003)). Os três tipos de construções podem ser caracterizados da seguinte forma:

(a) Uma partícula pré-verbal que configura uma seqüência do tipo [Não V]:

- 1) Eu **não** saí. (E 10)¹
- 2) Ele **num** sabia. (E 5)

(b) Uma partícula pós-verbal que apresenta a seqüência [V Não]:

- 3) Tenho **não**. (E 12)

(c) Duas partículas, uma na posição pré-verbal e outra na pós-verbal que resultam na seqüência [Não V Não]:

- 4) Agora **não** entra mais **não**. (E 2)
- 5) Ele **num** gosta de falar comigo **não**. (E 9)

¹ A especificação entre parênteses se refere ao número da entrevista da qual a exemplificação foi retirada.

Nas construções (1), (2) e (4), (5), constatou-se que a partícula negativa se realiza fonologicamente de forma variável, através da forma plena **não** (1 e 4) e de sua forma reduzida **num** (2 e 5).

Dois estudos sobre negativas no Dialeto Mineiro focalizaram a questão da variação **não/num** em estruturas sentenciais. Alkmim (1998, 1999, 2000, 2001), com base em análise com tempo aparente, em corpus levantado na cidade de Mariana-MG, afirma que a variação envolvendo as partículas **não** e **num** não apresenta perfil de *mudança em progresso*². No entanto, para Ramos (2002), também em análise com tempo aparente, em corpus recolhido na cidade de Belo Horizonte-MG, tal variação apresenta perfil de *mudança em progresso*.

Outro ponto a ser destacado é que a partícula **não** (pré-verbal), em exemplos como (1), (2), (4) e (5), vem sendo considerada como advérbio, com propriedades de quase-clítico. De acordo com Illari et al (1991, pp. 131-3), a construção negativa mais habitual em Português poderia ser, justificadamente, caracterizada como uma construção quase-clítica, isto porque: a) o **não** se encontra na posição pré-verbal e b) esse item pode ser reduplicado.

Uma tentativa de explicar o aparecimento do **num** na alternância **não/num** é apresentada por Ramos (2002). Para a autora, tal alternância indica um processo de cliticização e uma evidência apresentada em favor desse processo é o fato da partícula **não** ser reduzida para **num** quando precede o verbo, e não ser reduzida no final da sentença, além de sua contigüidade com o verbo.

Dado o conflito entre as conclusões dos estudos de Ramos (2002) e Alkmim (1998, 1999, 2000, 2001), com relação a considerar se a variação no par **não/num** constitui ou não um caso de *mudança em progresso*, o presente trabalho terá como objetivo confirmar ou não, através de uma abordagem variacionista, tal status. Dessa forma, as seguintes questões tornam-se relevantes para uma análise da partícula **não**:

- 1) Se se tratar de *mudança em progresso* a variação no par **não/num** (Ramos, 2002), quem estaria levando tal mudança à frente?
- 2) Que fatores internos e externos favoreceriam a ocorrência de **num**?

Se se tratar de *mudança em progresso*, pode-se predizer que, dentre os fatores internos, alguns deverão favorecer a mudança como: a) posição do **não** no final da sentença e b) a sua posição pré-verbal. Pode-se também predizer que orações subordinadas deverão desfavorecer a ocorrência de **num**, uma vez que as formas inovadoras são mais freqüentes nas orações principais e absolutas (Vennemann, 1973; Givón, 1974; Green, 1976). Pode-se ainda predizer que fatores externos como idade e sexo deverão ser quantitativamente significativos.

² Entende-se por *mudança em progresso* uma mudança ainda não completada (Weinreich, Labov e Herzog, 1968).

Em estudo posterior aos já mencionados, intitulado *A Alternância não/num no Dialeto Mineiro: Um caso de mudança lingüística?*, concluído com o apoio do PIBIC/CNPq, Sousa e Alkmim (2003) abordaram tal questão utilizando um corpus formado de informantes nascidos em Mariana-MG, corpus esse ampliado no presente trabalho.

Também durante a realização da pesquisa *A Alternância não/num no Dialeto Mineiro: Um caso de mudança lingüística?*, observou-se a ocorrência de uma outra variante no item negativo **não**, fonologicamente diferente das já identificadas nos trabalhos anteriormente citados. Tal variante é caracterizada pela perda da nasalização, podendo ser descrita foneticamente como [‘nu], como aparece no exemplo abaixo:

6) **Nu** sei não. (E 12)

Considerando-se que os estudos referentes à variação fonológica na partícula **não** não trazem referência ao item **nu**, o presente estudo tem, dentre os seus objetivos, o de investigar a existência desse terceiro tipo de realização. Tal constatação é feita através de análise acústica do corpus.

2. Métodos e procedimentos

Os dados que compõem o corpus utilizado no presente estudo são formados por entrevistas informais, realizadas com informantes da cidade de Mariana-MG. Utilizaram-se cinquenta gravações de trinta minutos cada uma, e fichas com dados referentes a cada um dos informantes: nome, sexo, idade, estado civil, escolaridade, informações sobre situação econômica.

A amostra foi dividida de acordo com a faixa etária do informante. Isto devido aos estudos sociolingüísticos entenderem que a idade é um fator de suma importância no estudo da variação e mudança lingüística. A comparação entre as formas de falar de jovens e idosos é um indicador de quais mudanças estão se efetuando na língua.

As entrevistas foram divididas, então, em cinco grupos: a) o primeiro grupo é formado por crianças de 8 a 11 anos; b) o segundo grupo é formado por adolescentes de 12 a 15 anos; c) o terceiro grupo por informantes de 16 a 39 anos; d) o quarto grupo por informantes de 40 a 59 anos e, d) o quinto grupo por informantes com mais de 60 anos.

Computando o total de construções negativas levantadas, chegou-se à soma de 2284 dados.

Os dados foram codificados a partir de hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa e submetidas como “input” ao Programa Varbrul. Assim, tornou-se possível descrever as ocorrências levantadas no corpus e também estabelecer um conjunto de previsões sobre os fatores que favorecem a realização da alternância entre o **não/num** no Dialeto Mineiro.

Serão consideradas no presente trabalho, como variável dependente, as negativas sentenciais [Nãõ V], [Nãõ V Nãõ] e [V Nãõ].

A variável dependente foi observada em relação aos seguintes fatores internos: (1) tipo de oração – se encaixada (subordinada) ou não-encaixada (absoluta ou coordenada), (2) realização fonológica da partícula **não** pré-verbal, (3) tipo de verbo – se perífrase ou não-perífrase, (4) retenção ou supressão do segundo **não** na estrutura [**Não V Não**]; e em relação aos fatores externos: (5) idade e (6) sexo.

Os dados selecionados foram submetidos à análise variacionista, utilizando-se o Programa Varbrul, versão Pintzuk (1988).

Utilizou-se, também, o recurso da análise auditiva com o objetivo de verificar a existência no corpus da variante **nu**, ainda não descrita na literatura.

Para a análise auditiva, utilizaram-se somente 8 gravações de entrevistas sociolinguísticas da faixa etária correspondente às crianças, isso porque esse tipo de análise exige que cada gravação seja ouvida várias vezes, demandando um tempo considerável. Computou-se o total de 295 dados. No entanto, a análise em todo o corpus será feita em estudo futuro.

3. Resultados

Muitos dos fatores analisados não foram considerados estatisticamente significativos pelo Programa Varbrul, sendo selecionadas como estatisticamente relevantes em relação à construção [**Não V Não**] as seguintes variáveis: tipo de oração e realização fonológica da partícula **não** (se **não** ou **num**). Para a construção [**V Não**] foram selecionados os seguintes fatores: presença/ausência de sujeito na oração e sexo.

Considerando as porcentagens acima apresentadas, tem-se que a variante [**Não V**], denominada de *canônica*, é muito freqüente em relação às outras ocorrências. Uma proporção também expressiva pode ser observada na construção [**Não V Não**] em relação a todo o corpus analisado. Os resultados são apresentados na Tabela 1 abaixo:

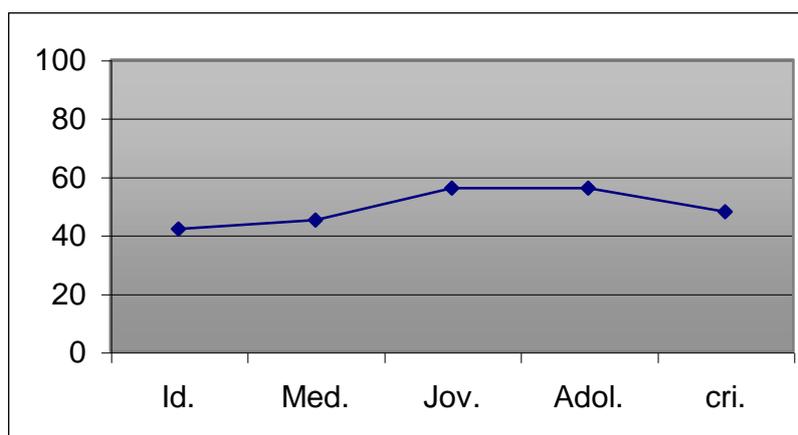
Tabela 1
Distribuição das Construções Negativas no Corpus analisado

Construções	No.	%
[Não V]	1648	72
[Não V Não]	580	25
[V Não]	56	3
Total	2284	100

Nos resultados obtidos através da comparação entre o tipo de oração e a presença da estrutura negativa [**Não V Não**] constatou-se o peso relativo alto (.64) para as orações não-encaixadas e baixo (.6) para as encaixadas. Esses resultados ratificam predição de que as orações subordinadas deveriam desfavorecer a ocorrência da construção inovadora.

Pode-se, ainda, predizer que há um perfil de *mudança em progresso* com relação às variantes **[Não V Não]** se se considerarem as faixas etárias: idoso – mediano – jovem e adolescente. Os informantes mais jovens (crianças de 8 a 11 anos) mostraram um desempenho que foge ao esperado em uma *mudança em progresso*. A razão é a de que, nessa idade, é provável que estejam em processo de aquisição das estruturas inovadoras. Veja o gráfico abaixo:

Gráfico 1
Efeito do fator faixa etária sobre o uso da variante [Não V Não]



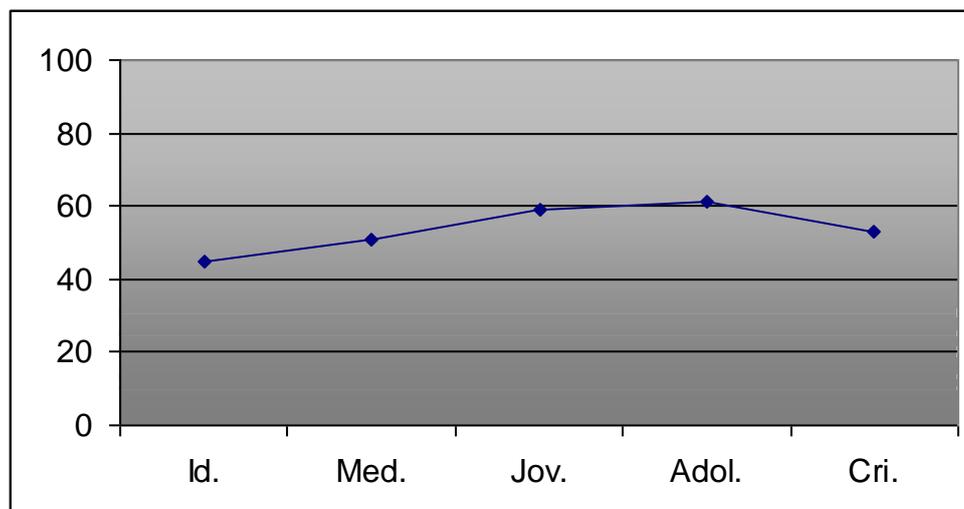
Roncarati (1997: 82), em estudo realizado com o Português como L2, com os índios do Xingu, mostra que diz respeito ao grau de as construções negativas inovadoras (**[Não V Não]** e **[V Não]**), “embora de baixa ocorrência no Português L2, é estatisticamente significativo no nível mais alto de proficiência”. Pode-se pensar que tais estruturas são adquiridas em estágio posterior de aquisição da língua.

O fator sexo foi selecionado para as variantes **[Não V]** e **[V Não]** pelo programa Varbrul # como estatisticamente significativo. A construção **[Não V]** foi mais utilizada pelas mulheres e a **[V Não]** pelos homens. Tal fato sugere que a variante **[V Não]** é estigmatizada, uma vez que, nos estudos de Sociolinguística, é freqüente a afirmação de que as mulheres têm maior preferência pelas variantes linguísticas mais privilegiadas socialmente.

O fator realização fonológica *não/num*, fator chave para a interpretação dos dados, apresentou na construção **[Não V Não]** os seguintes pesos relativos: .57 (*num*) e .56 (*não*), o que é quantitativamente não significativo. Para a construção **[Não V]** foi também considerado não significativo.

No cruzamento dos fatores idade e realização fonológica da partícula *não/num*, os resultados encontrados para a construção **[Não V Não]** foram de *mudança em progresso* se novamente se excluir da análise a faixa etária de 8 a 11 anos. O efeito do uso da forma *num* na variante inovadora é apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 2
Efeito do uso da variante *num* em função da idade na variante inovadora



Na investigação, o fator ausência de pausa antes do segundo *não* na construção [Não V Não] foi investigado e a ausência de pausa foi categórica.

A probabilidade de maior ocorrência da construção [V Não] é em estruturas frasais com supressão de sujeito.

Através da análise da fala das crianças (8 a 11 anos), foi possível confirmar a existência de uma terceira variante do item negativo pré-verbal (*nu*). Esse apresentou maior frequência de uso que a forma *num*, respectivamente 71% e 26%. Quanto à análise do fator sexo para essa variante, foi possível perceber que os homens usam mais a forma *nu* e as mulheres usam mais a forma *num*.

4. Considerações Finais

O objetivo geral deste trabalho foi estudar as negativas sentenciais no Dialeto Mineiro. Para efeito de descrição e explicação, usando o tratamento variacionista do fenômeno, submeteram-se os dados levantados à quantificação, utilizando-se fatores externos e internos.

Com base em análise no tempo aparente, recurso metodológico que vê a *mudança em progresso* através da variação observada na língua em um dado momento, pode-se dizer que a variante inovadora [Não V Não] não apresenta curvas perfeitas de *mudança em progresso*, uma vez que há um perfil ascendente, com declínio no quarto estágio, o representado pelas crianças. A construção [V Não] não tem a mesma frequência da também inovadora [Não V Não] e pode ser avaliada, com base no fator social sexo, como estigmatizada.

Não foi realizada análise com base no tempo real para confirmação dos resultados obtidos no tempo aparente.

A alternância **não/num** apresentou um perfil de *mudança em progresso* apenas nas realizações ocorridas na variante inovadora [**Não V Não**].

A observação dos dados (Sousa e Alkmim (2003)) permitiu que se propusesse a existência de mais uma variação para a partícula **não**, além do **num** já descrito pela literatura: [**‘Nu**], com vogal sem nasalização. Quanto a esse item, as primeiras análises foram aqui realizadas e precisam ser ampliadas para todo o corpus utilizado no presente trabalho. E embora se tenha feito a análise auditiva, sabe-se que é necessário que se complemente essa com uma análise mais acurada como a acústica.

Os dados analisados, apesar de não suficientes para a caracterização de uma possível *mudança em progresso* nos itens negativos **não/num**, permitiram identificar as construções negativas do PB como variação sociolingüística, além de propor uma outra variação ([**‘Nu**]) para o item negativo **não**.

Referências Bibliográficas

ALKMIM, Mônica G. R. de. *As Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro: uma Abordagem Variacionista*, 2001, 260 p. Belo Horizonte: UFMG. Tese de Doutorado.

_____. De Negativas pré- e pós-verbal: Implementação e Transição, in: Cohen, M. A. A. M. & Ramos, J. M. *Dialeto Mineiro e outras Falas – Estudo de Variação e Mudança Lingüística*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002. pp. 169-182

BISOL, Leda. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: Instituto de Estudos Lingüísticos da Unicamp, 1981. 185 p. (Tese, Livre Docência).

CAMARGOS, M. *Negativas [V Não]: uma abordagem minimalista*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).

CARENO, M. F. e PETER, M. M. T. Observações sobre o uso da estrutura negativa. *Papia*. V.3, n. 2. pp. 98-102. 1994.

CHAVES, E. *Estruturas Negativas em cartas pessoais do séc. XIX*. Monografia de bacharelado. ICHS/UFOP. 2003. 57p.

CLARK, John & YALLOP, Collin. *An introduction to phonetics and phonology*. 2 ed. Cambridge: Blackwell, 1995.

FERNANDES, Norma. *Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e entonação do português*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1976. 170p. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).

FISCHER, J. L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. *Word*, 1958.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos Mecanismos de Negação em Natal, in: Martelotta, Votre & Cezário (org.) *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 167-189.

ILLARI, R. et al Considerações sobre a posição do advérbio, in: Castilho A.T. de. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991, pp. 63-141.

JESUS, Marisa de Souza. *Estudo fonético da nasalidade vocálica em falantes normais e com fissura do palato: um enfoque acústico*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999. 153 p. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).

LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. Negative attraction and negative concord in English grammar. *Language* 48. pp. 773-818, 1972 b.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994. 641p.

PAIVA, M. C. de. *A Variável gênero/sexo*, in: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolingüística o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

RAMOS, J. M. A Alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística, in: Cohen, M. A. A. M. & Ramos, J. M. *Dialeto Mineiro e outras Falas – Estudo de Variação e Mudança Lingüística*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. pp. 155-167.

RONCARATI, C.N. Ciclos de Aquisição da Negação, in: RONCARATI, C. & MOLLICA, M.C. (orgs.) *Variação e Aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, pp. 65-102.

_____. A negação no Português falado, in: MACEDO, A. T. et al. (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, pp. 65-102.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal, in: Oliveira e Silva, G. M. & Scherre, M. M. P. *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SCHWEGLER, A. Predicate Negation and word-order change: a problem of multiple causation. *Lingua* 61: 297-334, 1983.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUSA, Lílian T. *Variação na partícula negativa pré-verbal em negativas sentenciais no dialeto mineiro*. Monografia de bacharelado. ICHS/UFOP. 2004. 82p.

_____. & Alkmim, Mônica G. R. A alternância não/num: um caso de mudança lingüística?, in: *Caderno de resumos do XI Seminário de Iniciação Científica*. Ouro Preto, 2003.

VENNEMANN, T. *Explanation in Syntax. Syntax and semantics*. New York: Academic Press. Vol. 2, 1973. p. 1-50

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change, in: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 97-189.